

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistador: Luca de Andrade Ribeiro

Entrevistada: Maria da Luz Higino de Mesquita

São Paulo, 13 de Junho de 2022

Duração: 98 minutos e 26 segundos

Realizada na plataforma Google Meet

Luca: Bem. A primeira que coisa que eu ia falar, né... Imagino que você já saiba qual que é a ideia, né, mas... bem... esse trabalho que eu tô fazendo, né de... Essa conversa, essa entrevista... né, ela é pruma disciplina né, da minha faculdade, da minha universidade, que tem a ver com história oral. Né? É um trabalho pra disciplina de História do Ensino da Arte no Brasil: trajetória política e conceitual e questões contemporâneas, ministrada pela professora Sumaya. E... Né... A ideia é justamente escutar... a voz de pessoas que... que têm muito a nos dizer e muito a nos ensinar. E eu tinha... é... eu tinha... falado, né? Eu tinha... eu queria falar... Eu... pretendia entrevistar o... o Alex, né? O Nilton que tinha sugerido. E daí ele também me sugeriu que eu entrevistasse você. E... me pareceu uma excelente ideia. E eu tô muito... muito ansioso para poder escutar o que você tem a nos dizer. E... Bem... A primeira coisa que eu queria era de agradecer profundamente pela oportunidade e... por... por... poder tá conversando aqui com você. E também explicar que, apesar... que... (inaudível) apesar de eu ter feita algumas anotações aqui... do... da... de eu eventualmente fazer aqui algumas perguntas, eu peço que você trate como se fosse uma conversa mesmo, então...

Maria: Mhmmmm

Luca: Então, se você quiser mudar de assunto, se você achar que tem alguma coisa interessante que deva ser comentada, pode falar... Isso daqui é muito mais uma conversa... mais uma forma de poder escutar você...

Maria: Tá bom!

Luca: Bem... É... Eu vou começar... a gravar aqui, né? E... bem... Hoje é dia 4 de Junho. Tudo bem? Estamos...

Maria: Sim!

Luca: Estamos em... É... eu tô aqui em... em São Paulo, no Butantã, e você tá aonde?

Maria: É... Eu tô aqui em... Campo Limpo, né, mas o bairro que eu tô é Jd. Ingá.

Luca: Certo. Nós estamos aqui... nos encontrando por meios virtuais, nessa entrevista que tá começando às quatro horas e vinte e dois minutos da tarde de sábado, né? E essa entrevista é pro projeto Acerco de Múltiplas Vozes, sobre a coordenação da professora Sumaya Mattar... né? E eu vou perguntar agora, mas depois eu vou enviar pra você e pro Alex o documento bonitinho pra vocês assinarem... Né... então... Mas eu vou perguntar agora, enquanto tá gravando, se você aceita, né, que a entrevista seja gravada e que posteriormente o material seja utilizado... para publicações com finalidades didáticas. A ideia é que o material seria...

é... editado. Posteriormente você vai poder ver a edição que é feita, você pode comentar ou você pode pedir pra tirar partes, adicionar partes mudar a forma de edição... E... tanto a edição quanto a transcrição seriam colocada no portal GMEPAE, que é o portal do grupo de pesquisa da professora, né? Que tem a ver justamente com ser acervo de múltiplas vozes, né? Então eu gostaria de saber se você permite eles...

Maria: Mhmmm Pode ser! Não tem problema.

Luca: Ah! Muito obrigado... Muito obrigado.

Maria: De nada

Luca: E bem... daí agora, né? a primeira coisa que eu gostaria... de pedir pra você era que você... se apresentasse pra gente.

Maria: Mhmmmm Depois de falar com você parece tudo que eu tô na aldeia (risos).

Luca: Oi? Desculpa. Eu não entendi. Poderia repetir por favor?

Maria: É... que eu tejo conversando com vocês que nem... como eu... que nem eu teja contando a história da, né... lá da aldeia. Porque eu gosto.. de conversar bastante, tá? Mas alguma coisa, alguma falha, que você ver que não entender, você pode perguntar. Porque eu... eu não tenho leitura, né, pra conversar muito... (inaudível), mas eu tenho... a minha boca, que Deus me deu e eu converso, né?

E provavelmente, né... Que agora eu tô até na escola, né. Que eu não tinha chance. Eu não tive chance de quando eu era criança. Que onde a gente morava, na aldeia, pra chegar na cidade, a gente demorava duas horas de a pés pra... pra cidade mais próxima. E outra cidade, que era mais longe um pouco, nós saia meia noite de casa e chegava seis horas da manhã, pra ir buscar alimento na cidade, comprar, né? Aí é... eu... eu tinha a idade de... quase 11 anos... é não... é... 10 anos de idade... Aí é isso, eu só fui acho que umas duas vezes, porque eu cansava, né? Aí eu falava pra minha mãe que eu não queria ir praquêle lugar, porque era muito longe. Aí tinha os animal, que carregava... que o pessoal carregava as coisas... carregava as coisas... pra vender na cidade. Aí a gente conseguia chegar lá. Mas era difícil, muito difícil. Mas... agora, onde tô, na cidade grande, né, em São Paulo... Agora não... já faz vinte... vinte quatro anos que me encontro aqui. Porque eu me casei com um rapaz da cidade, mas da cidade próxima a aldeia lá. Aí ele veio pra aqui, então eu tô aqui. Graças a Deus. Eu sou feliz porque o que eu não pôde estudar... né, eu não tinha condições, os meus filhos estuda e eu peço... eu agradeço muito a Deus por isso. E tem muita coisa que eu converso com eles, mas hoje ele falou assim que você (inaudível) comigo. Então alguma pergunta, você é só você perguntar, porque se eu for contar tudo, vai ser o dia inteiro (risos).

Luca: Nossa. Achei já bem... bem interessante esse começo. Uma coisa... que eu gostaria de saber, se possível, é... mais algumas informações, por exemplo, a sua idade, se você... Toparia contar sua idade?

Maria: Hmmm. Eu não entendi!

Luca: Qual a sua idade, que você falou que era 24 anos que você tinha se mudado... Desculpa! Que há 24 anos que você tinha...

Maria: Aqui em São Paulo, que eu estou aqui...

Luca: Certo

Maria: Que eu estou aqui em São Paulo... né? Às vezes... O nome da minha cidade... Que eu sou da Paraíba, tendeu? Nossa capital é João Pessoa. Só que assim, a gente mora nas aldeias. Eu nasci e cresci nas aldeias. Aí então... é como eu falei pra você. O nome da minha aldeia... é Tracoeira. Tra-co-eira. Lá, são doze... doze aldeias que tem ao redor assim, sabe? Cada povoado... anda um pouco, achou uma aldeia. E assim vai. São doze aldeias que a gente conhece. Né? Eu nasci e conheço todas essas aldeia. Porque eu nasci lá, saí de lá pra cidade... eu tinha vinte... vinte quatro anos de idade. Tendeu? Aí com 25, eu fiquei na cidade mesmo, foi quando eu me casei... Foi com um rapaz da cidade, eu me casei e fui pra cidade. Mas só que eu (inaudível) só que as três aldeias (inaudível) tudo (inaudível), que eu já era... já era adulta, né, eu sei das aldeias tudo de lá.

Agora, graças a Deus, tá bom, né? Mudou muito. Agora as aldeias já subiram até cidade. E tem até internet. Que antes lá que nunca tinha. Quando eu vim aqui há... quase trinta anos, né, que eu vim aqui pra São Paulo. Era... A gente não tinha água em casa, a gente não tinha energia, a gente... se mantinha assim, é... com as coisas da aldeia mesmo. Era fazê aqueles fogo, aquelas fogueira. Fazia as fogueira, juntava aquela lenha, carregava na cabeça... e levava pra juntar em casa e pra cozinhar... Minha mãe... A gente usava... não tinha panela... panela que a gente tem hoje, panela de alumínio. Não existia alumínio lá pra gente, né? Era de barro. Aí tinha o pessoal que fazia panela de barro do jeitinho que a gente queria. Pedia: é grande, pequena... Você sabe a chaleira, né? Você sabe o que é chaleira, né? Pra fazer café. Então, era... de barro também. Aí tudo no fogo à lenha. Minha mãe colocava um espeto assim, colocava no meio. E a gente ficava ali, fazia aquele café, fervia a água, cozinhava o feijão. A minha mãe ia pra roça, me deixava em casa, eu tinha oito anos, nove ano. Ficava com mais quatro criança... irmão meu tomando conta deles, né? Cozinha aquela comida... tudo na lenha. Tendeu? Aí agora não. Agora quase todo mundo tem... Até quando eu me casei, eu não tinha.. não tinha fogão à... Fogão à gás... em casa. Então, aí eu me casei e vim pra cidade, e na cidade... meu esposo comprou um fogão e eu não sabia nem mexer no fogão. Eu tinha medo de mexer no fogão. Porque a gente sempre era da... nós sempre criamos na... na aldeia mesmo. Aí com jeitinho... aí eu fui aprendendo, né? Daí hoje eu já sei mexer um pouco, né?

O bolo que a gente fazia. A gente não fazia esse bolo de fogo... era na casa de farinha... na casa de farinha. Era... o que se chama... é... se chama... forno. Ele é bem grande, de mexer a farinha, pra lá e pra cá. E a gente fazia, além da mandioca, a gente fazia... passava no... Agora é... as farinhas é motor. É motor agora. Mas antes... o meu pai mesmo era dono de uma casa de farinha. Era umas... umas rodona bem grande, sabe? Era assim: umas rodona bem grande. E aí o meu pai fazia o... aquele negócio pra fazer o (inaudível) andar... com o couro do boi... Se chamava rei. Chamava reis. Ele chamava assim. Daí era com o couro do

boi. Tecia, tecia e ficava igual a um fio. Um fio assim com uns três metros. Então ali naquela roda, meu pai... eles colocavam um ferro do lado, um ferro do outro... tipo uns vês. Sabe? Chamava que era vês mesmo. A corda assim no meio. Aí ia... por acaso ia eu... outro dos meus irmão ou outra das minhas irmã... (inaudível) uma pessoa pra moer a mandioca. E nós mexia. Vai! Vai! Vai! E lá, lá fora, tinha uma outra pessoa pra colocar a mandioca. Aí era chamado rodete. O rodete, ele é uma bola de pau, de pau forte. Aí ali eles colocava aquelas lâmina... não sei explicar direito. Tô explicando. Aí colocava umas lâmina. Só que as lâmina, ele tinha um dentinho. Não tem serrinha? Serra aqui? Uma serrinha assim da gente... Aí, era daquele... naquele negócio tipo assim...

(Maria mostra um ralador de mandioca feito de três metades de lata de alumínio furadas e ligadas por duas estruturas de madeira, que também facilitam a pegada)

Tipo assim, só que aqui é outro negócio. Tipo assim. Aí meu pai colocava aquela, aquelas lâmina tudinho. Tudinho tudinho. Aí meu pai rodeava ela todo. Ficava cheio de lâmina. Ele comprava e colocava... naqueles pauzinho. Então lá ficava... a mandioca... Tinha um negocinho assim que ele colocava a mandioca. Aí a gente tinha que moer, fazer força... se a gente não conseguisse, aí tinha que ser outra pessoa, mas a gente desde criança a gente trabalhava nisso. Meu pai tinha casa de farinha, eu fazia muito beiju... eu era criança... 8 anos, 9 anos de idade... fazia beiju. A minha mãe vendia na praia. De manhã cedo ela pegava um balaio desse... mas era maior, viu?... Esse daqui veio do Norte. (inaudível)

(Maria mostra um peneira de palha)

Aí pegava assim, um cestinho preto, se chama cesto. Mas esse aqui se chama balaio. Aí era grande. E minha mãe enchia, pegava um paninho bem branquinho, forrava aqui o balaio. Aí ela colocava... A gente fazia tudo os beiju, tirava do forno, colocava os beijuzinho tudo aqui... Eu sei que ela levava um monte... pra feira, né? Aí pronto, ela pegava, e fazia... Se chama uma rodilha de pano... fazia, colocava na cabeça, tudo cobertinho. Dai quando a gente chegava na praia... A gente saía de quatro da manhã... chegava umas seis horas. Era nessa cidade que tem, era nessa praia. Aí minha mãe buscava lá na feira, vendia todos os beiju, mas era muito sacrifício, tá, andava duas horas. E eu era pequena, tinha 7 ano, 8 ano... Daí tinha vezes ela falava assim... Tava ficando de noite... mas aí só de mato... Só de mato... Mato mato. “Mamãe, tá de noite. Eu tenho medo de cobra”. E ela: “Não minha filha. A gente não vai... Deus não vai deixar a gente pisar em cobra não.” A gente não (inaudível) Meu pai era doente, ficou doente, e então pra... Era uma luta, sabe? Então as vez a gente ia pra lá, conversando com minha sobrinha e ela: “Tia! Mas minha mãe não contava... não conta pra mim” “Mas era difícil, mas agora graças a Deus tá cidade”. Agora tem tudo, agora o... lá onde mora a minha irmã... Que eu... Lá... A minha irmã, ela é lá de (inaudível)... É ponto de... Como é que fala? Turismo... Turista, né? Turismo. Eles vão pra Praia. Aí da praia vão pras aldeias. Aí nessa aldeia do Maracanã, a minha irmã agora tem uns 10 anos... uns 15 anos... ela montou o espacinho assim (inaudível), um quiosquezinho... Então o pessoal vai pra praia, da praia vão pro rio... que a água lá é muito boa. Nós tomava água do rio. Então... é... É muita gente. E é assim, agora tá muito bom. Agora já é conhecido das internet. Tem nas internet mesmo, tem lá... passa... onde mora a minha irmã, né?

Mas eu sinto saudade da minha irmã. Muita saudade. E é assim, a nossa vida era assim... mas se criamos tudo lá, graças a Deus. A gente... Eu não tenho o que falar da minha aldeia.

(Alexsandro Cosmo de Mesquita, filho de Maria, estava ajudando-a com a gravação e chama a atenção para que Maria respondesse a uma das perguntas que tinha sido feita, mas não respoidida)

Maria: Ah! E hoje... É... Eu tô com 62 anos, né? 62 anos. Graças... Saí de lá... com vinte quatro ano... da aldeia. Aí, fui pra cidade... hoje... pruma cidade mais próxima. Quando me casei com meu esposo, fui pra cidade. Aí eu... Depois meu esposo veio praqui pra... pra São Paulo. Eu me encontro com 62 anos. Graças a Deus, né? E tô aqui contando a história, né?

Só que é assim, das minhas irmã, quem casou com as pessoas da cidade, foi só a mais velha... e eu. As outras, minha irmã, casou só com de lá mesmo. Tendeu? Da aldeia. Até hoje é de lá. E elas não querem saber de vir na cidade grande não, viu. Eu eu “vamo lá, vamo na minha casa” e elas “não vou não. Eu tenho medo de andar de avião. Eu tenho medo de andar de carro”. Aí pronto. Aí eles... falam que... minha irmã fala: “Tenho não. Tenho medo não”. Graças a Deus, né? Sempre tem uns que... Sempre... Quando... “Ah! Vamo pra tal canto, mãe”, me fala. “Me dê o endereço, mãe”. Eu... “Você vai, mãe, pra tal canto?” Vou! Com endereço vou até onde for... que Deus manda. Não tenho medo. Né? Quero ser sempre sempre essa mulher assim guerreira, sabe? Pra não ter medo de nada. Indo com Deus na frente, tá tudo bem. Tá? E hoje eu tô aqui. Não pensei em outra. Tava conversando com você. Não te conheço pessoalmente, mas eu sei que seu pai já falou com meus filhos, já conheceu o Amaro, o Alexsandro, que são uns bons menino, umas boa pessoa. E é o concelho que dou pra eles... desde criança. Eu falava assim: “meu filho!” Quando cheguei assim em São Paulo ele tinha sete ano... o Alexsandro tinha sete ano, o outro tinha quatro ano, pra cinco ano... aí eles nunca... ele nunca perderam aula porque... perderam a hora. Nunca. Eles amanhecia o dia, setes anos de idade, eles falava assim: “Mãe!” Eu comecei... levei eles assim nas escolas assim um tempo e depois eles começou a andar. “Mãe, deixa que a gente vai de ônibus, que ele leva a gente de graça”. Aí eu: “Tá bom”. Quando era sete hora. Tinha um relóginho que fazia: Pi bi! Pi bi! Pensava nele já tava acordado. “Mãe, já... já tô indo, mãe. Tchau, mãe.” Esse (inaudível), como era, né... também... “Já tô indo. Tchau. Daqui a pouco eu volto”. “Boa viagem!” Aí eles... o Alex, o Adécio... O Adécio, seu pai não conhece ele, mas vai conhecer. O Amaro... Nunca perderam aula. Tendeu? Aí graças a Deus por isso. Eu agradeço a Deus, né. Aí o que que eu vou falar? Tem gente que fala assim: “eu vim da... da minha terra... não quero voltar mais pra lá, porque eu sofri muito”. Outros fala assim: “eu vim... desde que eu vim, nunca voltei lá”. Eu não, eu voltava pra lá sempre que eu conseguia quando minha mãe era viva e agora sempre que eu posso eu vou voltar. Provavelmente vou viajar esse mês, viu? Passar o São João na roça. Comer milho assado na fogueira (risos) Que legal, né? Pois é? Mas dessa vez eu vou com meu esposo. Então é assim meu filho, a nossa vida é assim. Então depois, que que a gente fazia. Antes de sair...

(barulhos da rua)

Passou um (inaudível) Antes a gente fazia. Minha mãe, quando a gente era pequena mesmo, ainda. A gente trava... a gente pescava no rio... pra se manter... a gente pegava caça no mato. Os tijú... Você ouviu falar nos tijú, né? Os tijú, passarinho... É... Jacaré... A gente comia carne de jacaré. Lá no rio nosso... lá... que não chama rio o nosso, né? Mas o rio de lá, da gente (inaudível) a gente usa. Tem... é... agora tem menos, mas antes tinha muito jacaré. Mas é assim. A gente de dia não via não. Só à noite. O dia... o dia eles iam pra o rio... eles iam muito pra dentro do matos, parava na roca do rio. Se chama roca do rio. Aí a gente tomava banho... tranquilo. A gente nunca viu jacaré. Só que à noite... o jacaré... eles vinham procurar comida, né? E o que é que minha mãe fazia? Minha mãe colocava uma isca... se chama uma isca... no rio. Ela pegava uma corda de nylon, meu pai também fazia corda... Lá tem... lá tem um material do mato mesmo. Se chama agaze... Agaze... Agaze. É um... é uns... é uns... Ele... ele bota muita folha. Tipo uma... qual aquela lá? Uma babosa. Você conhece o pé da babosa, né? Tipo assim. Mas só que ele era grande, alto. Na ponta dele tinha um espinho bem perigoso. Bem perigoso o espinho. Aí meu pai fazia... pegava o quê. Era muito que tinha uma mata muito muito mesmo. Ele pegava um monte daquele negócio cortado, agora não sei quem ensinou pra ele... que eu nunca perguntei. Isso aí eu não perguntei. Aí o que ele fazia? Ele pagava uma faca... Ele pegava uma faca, né? Porque era aquelas folhas grande. E vinha e ticum ticum, cortava tudinho tudinho... miudinho. Assim: em tira. (inaudível)

(Pega um dos livros que dispôs no cenário e utiliza para explicar a ação de cortar as folhas)

Daí colocava no Sol... Aí quando secava... Ele... meu pai tinha um negócio de fazer corda também... (inaudível) era um negócio, tipo um carretel... Oh eu... Eu não sei nem explicar como é que era... eu sei que ele fazia. Aí por acaso... quando tava seca, aí ele esticava aquele negócio, esticava fininho... (inaudível)

(Alex e Maria conversam entre si rapidamente e decidem que, para ilustrar o que narra, Maria deve pegar sua saia tradicional que está disposto ao fundo, no cenário)

Tá! A cordinha da saia... Isso daqui é a saia... né, que a gente usa.

Isso aqui... ele... ele... é um negócio que a gente dava quatro volta, quatro volta, dava quatro volta... era grande. Daí ele usava assim, usava assim, e ia passando o negocinho. Aí eu sei que ele e fazia corda do tamanho que ele quisesse, bem grandona. Amarrava nos feriados, né? E fazia corda. Aí minha mãe pegava aquele negócio lá. Usava no rio de... pro jacaré, pra pegar o jacaré. Então aqui era uma corda... era uma corda. Aí ela pegava aquela corda... Ela comprava um... um negocinho que era um arame grande... era um arame... Se chama anzol. (inaudível) naquela ponta daquela corda, levava pra beira do rio, chegava na beira do rio ela colocava um torninho... você sabe torninho, né? de pau? Bem fiado, amarrava aquela corda e amarrava aquela ponta bem, do anzol, ela colocava um... um passarinho cheio de algodão... Porque lá também tinha algodão... Aí cheio de algodão, aí amarrava lá. Lá tinha pauzinho assim, no meio do rio. Aí ela armava... lá tinha outro pauzinho no meio... do rio. Ela colocava aquele negócio lá, daí aquele negócio ficava assim, aquela isca. Sabe? Tava em pezinho em cima daquele ganchinho lá. Quando o jacaré vem, ele não vem mergulhando,

vem de cabeça erguida. Daí vê aquele negócio à noite, né, branco? Fala lá, nossa: isso é uma comida. Daí vinha, comia tudo, engolia. Oh... que judiação, né? (risos) Aí o bichinho engolia aquilo ali. Aí quando ele vai engolir... quando ele via que tava preso, aí se enfiava lá pra dentro dos matos, dentro rio. Quando era de manhã, minha mãe chamava... Ia lá, olhava pro (inaudível). e aí, se a corda tivesse assim, bem esticada, ele tava lá preso, e aí, se a corda não tivesse esticada... porque tem alguns que é esperto: ele comia e não engolia... Aí minha mãe ia lá e chamava ajuda: “traz a foice!” Você sabe o que é foice? De cortar madeira? “Traz a foice aí que o jacaré tá preso!” Era pertinho... pelo rio é bem pertinho. Aí a gente... né... fala... chegava lá ... minha mãe puxava aquele bichão grande... sabe? Puxava ele. Ele nervoso. Aí minha mãe pá, matava aquele bicho. Ali mesmo ela tirava o couro, ela abria a barriguinha dele. Mas de uma vez não, você tinha que tirar a pele dele... Eu falei couro, né? Mas é porque lá a gente chamava de couro. A pele dele mesmo... é bem grossa. Daí mamãe tirava inteirinha. Sabe? Deixava a casca dele inteirinha, e só o lombinho dele branquinho! E aí minha mãe fala que eu... O jacaré tem um perfume debaixo das axila... Antes dela... tratar daquela carne... Antes de tratar ele de uma vez, tirava aquela langa de um lado e do outro, ela falava que era o cheiro dele. Realmente, quando a gente chega no rio, a gente sente se tem jacaré por causa do cheiro. É... Sabedoria que Deus deu pra eles... Pra gente, né? Aí num pode comer com aquela langa que tem debaixo da axila dele. Tirava aquele negócio e pronto. Aí ela assava no fogo de praça. Colocava no espeto e fazia tipo um churrasco. Mas naquele tempo nós não... não falava em churrasco. Vamo comer isso assado. Tudo era assado. Tudo era assado. Hoje não, hoje... já tem churrasco... “Vamo assar uma carne, fazer um churrasco”, cara da cidade, aquele movimento, tudo bem... É legal.

Era muito... sofrido, mas tamo aqui, né? Aí, eu sei que era desse jeito. Aí a gente comia todos os... os bichinhos que encontrava... coelho... minha mãe pegava as.. tudo que ela fazia (inaudível) pra pegar. Ela pegava e a gente comia. Aí fomo crescendo. Aí depois meus irmão mais velho... foram através dum... dum... das pessoas que começava a sair pra cidade, pra Rio de Janeiro, pra São Paulo. Daí eu fala assim: “vamo pra lá”, que tava... tava... tava difícil... tava difícil o custo de vida. “Vamo comigo? Daí a gente trabalha”. Aí foram saindo os índio. Mas aí as vezes as pessoas perguntam: mas porque deixou... é... sua aldeia? Por quê? Através de... da... da... Como que fala? Ai Deus... Agora deu branco. Através de... procurar coisa melhor, né? Só que... realmente, eu não vou falar que São Paulo não é bom, que Rio de Janeiro não é bom, que cidade grande não é bom, porque meus filho aprendeu aqui, viu? Eles hoje são o que são porque aprenderam aqui. Porque lá, agora, há uns 20 ano atrás... graças a Deus.. Tem escola pra todo mundo. As criancinha de três anos já tão na escola. Se chama... se chama creche, né? Mas lá é escola... se chama escola mesmo. Provavelmente que eu tenho uma sobrinha minha... Que eu tenho três sobrinha minha que são professora. Não são formadona, porque nunca estiveram em cidade grande, mas elas vão explicando praqueles lá que tão crescendo. E eu fico muito alegre. Muito alegre.

E tem vezes que eu falo assim: “Meu Deus. A minha sobrinha... professora, né? E eu não sei, não sei ler”. Aí o que acontece, meus filhos veio... Aí eu vim com meus filhos pequenos, eles cresceram e falaram: “mãe, vai pra escola”. “Mãe!”

Depois que tinham uns quinze anos, que começaram a trabalhar... que começaram a trabalhar novo... 16 anos já tava trabalhando... todos os três. Que eles fizeram o... Projovem, né? O curso no Projovem. Você ouviu falar, né? Você sim, né? Projovem. É... Álvaro Berço, né? Próximo aqui onde eu vim morar aqui na comunidade. Porque aqui tem uma comunidade, né?

E aqui... Próximo aqui (inaudível) tem a Álvaro Berço... que tem a... se chamava... como era, Alex? Álvaro Berço... Aí tinha os pequenos, os maior... Eles chegava da escola... nem almoçava em casa, ia direto pra lá. Os dois... Aí depois eu consegui com o mais velho também... Eu sei que quando eles saíram de lá, onde eles conseguiram os primeiros... os três primeiros empregos foram no chamado CE. CE. É! CE.

O Alexsandro... Não tinha... A gente não tinha celular, nem telefone de casa, nem nada. Mas é... aqui tinha um negocinho aqui que era uma feira... aqui debaixo de uma rua que tem embaixo... Tinha se não me engano... Como é que chamava? Telecentro! Isso! Telecentro! Que antes ninguém tinha computador, então era difícil. Aí ele pensava usar: "Mãe, eu vou lá no telecentro". "Alex, foi vê o quê?" "Não, mãe. Eu vou lá aprender, estudar, fazer alguma coisa, porque aqui não tem computador, né". Aí eu disse: "tá bom né?". Só o pai dele trabalhava, eu nunca trabalhei fora, porque meu esposo: "Não, você fica cuidando dos filhos, porque se você for lá, deixar eles e sair... pagar uma pessoa pra cuidar deles três..." (Que era tudo escadinha, né?) "... aí... o... seu dinheiro não vai dar nem pra pagar, pra ficar... com... com os filhos. Então deixa que eu me viro e você fica cuidando deles". E graças a Deus até hoje eu nunca trabalhei fora aqui. Mas na roça eu trabalhei. Trabalhei na roça. Aí nunca trabalhei, mas assim: aí depois eles ficava na escola... e ficava assim... Porque meu esposo não podia manter todos os três assim... pagando dinheiro, uma coisa e outra... Pagava aluguel. Então eu comecei a fazer tapioca... pra vender. É! Aí eu tenho essa peneirinha aqui ó... Que eu trouxe do Norte. Quando eu vou pra lá eu trago sempre... Que é de peneirar, né... O que eu aprendi lá... na aldeia, né... Depois que a... (inaudível) tem a farinha, depois tem... Se chama lá goma. Aqui é polvilho... doce. Aí eu não conhecia aqui como é que se chamava o nome. Aí me falaram que o nome da goma que se chamava lá, tirada da mandioca, aqui é polvilho... Aí comecei a comprar o polvilho, fazer a tapioca, né? O leitinho tudo bonitinho, colocava no isoporzinho, que eu não tinha carrinho. E saía... Começou a falar pras pessoa... que eu vendia tapioca. "Ai então você traz uma!" "Traz duas!" O outro: "Traz três!" Aí comecei a vender. Aí, depois que eles começaram a trabalhar, depois dos 16 anos, aí eles falaram pra mim assim ó: "Mãe, pare mais um pouquinho depois de sair à rua que a gente vai trabalhar e ajudar a se manter... a gente dá um dinheiro pra senhora. Aí eu: "Tá bom, meu filho"... Aí é assim, tô vivendo, né, por aí? E eu tenho pra fazer, né, mas tô meio descuidada, um pouco, né, pra fazer. Mas eu tenho coisa pra fazer.

Aí (inaudível)... Sim! A (inaudível) da escola ficou para trás. Eles cresceram, aí foram estudar, trabalhar e eles falaram: "Mãe..." (provavelmente o Alexsandro) "... mãe, vai estudar!" E eu: "não! Eu acho que não vou aprender nada mais não, já tô de idade, não sei o quê" Mas aí a uns 20 ano atrás, né? uns 30, eu ainda tava mais jovem... Mas eu sou jovem, né? Aí, então, quando eu conheci ele agora... O mês passado... O ano passado... aí teve uma amiga minha aqui do bairro em que eu moro: "Vamo pra escola, Maria da Luz!" E eu falei assim: "Ah! Eu vou mesmo!". Aí falei assim pro meu esposo e ele: "Vai, né, que é melhor".

Porque eu só sabia assinar meu nome... e minha mãozinha tava até meia durinha, né? Quando você vai no médico você tinha que assinar, né? Aí eu falei: “É mesmo, né? eu tô esquecendo de assinar meu nome”. Aí agora eu voltei pra escola, né... Escola... A professora muito boa. Pra gente... a gente pra ela é criança, né? E a gente fala pra ela: “Professora somos crianças, viu?” E ela vira pra gente e ri: “Tá bom, eu sei. Pode perguntar o que não souber que eu explico pra vocês”. Então tô na escola, né? Agora tô na escola. (risos) Quando eu pergunto... Pra... pra minhas amigas, pra minhas irmãs, todo mundo dá parabéns pra mim. Aí pronto, tô aqui, né? E um dia, se Deus quiser, vou conhecer vocês aí nas faculdades onde vocês tiverem (risos). Então tá bom. Se você tiver mais alguma coisa de perguntar que eu agora tô esquecida e é muita coisa de falar, né... Mas a nossa vida é assim. Trabalhava muito. Com foice, com enxada, pra plantar o feijão, o arroz... Arroz muito não, né, porque arroz... a... é... a plantação é em outro lugar. Mas arroz assim também é trabalhoso. Mas o milho... agora é a época do milho de São João... Fazer pamonha, canjica, bolo pé de moleque, né. O bolo pé de moleque que é não é aqueles... pequenininho feito de... (inaudível) amendoim. Lá o bolo pé de moleque... Agora as comidas são comidas... Né, Alex, são comidas típicas, né? A gente tira, a gente arranca, a mandioca do moçado, põe de molho, deixa lá três dias no rio... E tudo é o rio, tá. Tudo o rio. Tem água encanada em casa, mas, graças a Deus, tem o rio, né. A nossa felicidade é o rio... porque não falta água... Aí, quando falta água na torneira... às vezes porque lá porque lá eles cavaram um poço... se chama poço, mas é água mineral. Aí eles só tratam. Fizeram uma caixa grande. Tem um local (inaudível), mas é a água de lá mesmo, original, de lá, de lá mesmo. Não é que veio de esgoto, de cano nenhum. Aí, o que é minha mãe... A gente fazia, né, aí a gente coloca aquela... aquela mandioca no rio, num lugarzinho separado. A gente põe dentro de um saco, de nylon, né, aquele sacão de colocar feijão... Agora não tem mais não, tá mais difícil, agora é de farinha de trigo, né? Aí colocava aquela mandioca lá... Com três dias, a mandioca tá molinha. Daí pega aquela mandioca... Eu tenho foto tirando (inaudível) da minha mãe. Aí pega aquela mandioca, lava bem lavadinha assim, coloca ela inteira aqui, aí enche, tira aquele negócio, põe numa bacia. Naquele tempo não tinha bacia... era... Você sabe o que é cuia? Sabe? (inaudível) Cadê, Alex? Tem um negócio pequenininho, aqui... Tá lá em cima (risos), na cestinha, mas ele tá entendendo. Aí a gente tira a água, tudinho. Aí leva pra lá, aí lavava, aí coloca dentro de um saco, de um pano de novo. Aí lava, desmancha ela todinha, no rio. Aí deixa aquela água... aquela água que tá um pouco azeda... Porque aquela água azeda, né, por causa do Sol. Aí leva pra casa de farinha ou então faz na mão mesmo. Aí faz o beiju. A tapioca é da goma, da água da... A tapioca é da água da mandioca. E nós, pra fazer o beiju, tira aquela água e faz beiju, é outra massa. Dá tudo, a mandioca dá tudo. Eu... Só que lá tem a mandioca braba e tem a mandioca que a gente come cozinhada. A mandioca que a gente come cozinhada lá é macaxeira... Ali na Paraíba. É... E aqui é mandioca. Quando eu chego lá, às vezes eu esqueço um pouco e falo assim: “Vamos buscar a mandioca no fogo hoje?” Aí minha irmã diz o seguinte “Não! Mandioca não, Da Luz...” (que ela me chama de Da Luz) É não, mulher, porque em São Paulo a gente chama de mandioca. A gente acostuma, né? (inaudível) for assim. Mas é... Dá tudo, bolo... Aí daquela massa a gente vai fazer o bolo... pé de moleque. Faz na palha da banana, assada, na brasa, no forno, de fazer farinha.

É muita coisa, sabe, muita coisa pra contar. A gente pesca... a gente pescava com um cestinho desse, só que era maior, tá? Ele... Dá um três tamanho desse assim...

(ela explica fazendo uso de um cesto de pesca de mais ou menos 30 cm de largura)

Porque quando a gente levava ele lá pro rio... Por acaso aqui é o rio, né? Aí nós coloca aqui, daí nós ficava batendo com os pés, a água vai ficando suja e os peixinho vai indo pra lá, aí nós levanta e o peixinho tá aqui. Daí as vezes vem uma cobrinha no meio (risos)

Quando via que era cobrinha no meio, aí a minha mãe fazia disso, ela fazia assim... Daí eu já sabia, eu falei: “Mãe! Uma cobra!” “Ah é uma cobrinha pequenininha”. Daí ela pegava pela cauda... da cobra Thumm! Jogava lá fora. “Mamãeeee!” (risos) Aí era... Era mais divertido, né, onde a gente se criei... onde eu me criei. Graças a Deus, viu. E quando eu chego lá, nossa, eu sou a mesma que eu me criei lá, tá. Todo mundo fala assim pra mim: “Ai, Da Luz, tem gente que muda... vai pra... pra cidade grande, chega aqui, não conhece mais ninguém”. Eu digo: “Eu conheço todo mundo”... Assim. Os mais... das minhas idade... os mais novo... Agora, as outras geração que tão nascendo agora, eu não conheço, mas eu começo a conversar: “Não, eu... eu sei quem é sua mãe”. Sabe? A família é grande lá. É muita, é muita... A família é grande. Tendeu? Daí vivo aqui em São Paulo.

Então as escolas escolas... tem umas escolas onde agora eu tô estudando, que é próxima aqui... As meninas já fizeram uma entrevista comigo. Perguntaram: “Ai como era sua vida, lá” não sei o quê... a professora também. Daí quando foi final de ano, encerramento da escola, por causa da pandemia, né, era aquele negócio de pouco gente que ir, daí quando encerrou, teve uma janta, eu levei o meu cocar... tirei foto com a... com a professora... a professora ficou toda feliz. E ela fala assim: “eu quero seus filhos pra fazer uma entrevista aqui.” Aí eu fazia sempre as entrevistas na escola com o Alex e o Amaro, mas agora o Alex tá lá na Paraíba. Tá passando... Esse frio que tá aqui lá não é assim não (risos). Só tem muita chuva agora... Muita chuva... Mas graças a Deus, tá tudo bem. E é assim, nossa vida é assim mesmo, né?

Aí op pessoal... tem gente lá que fala assim pra mim: “porque você não casou com índio, prima? Vem casar com outras pessoas...” (é que meu esposo não é índio, e meu esposo é do Pernambuco). Aí eu falo assim: “Não, porque quem dá assim é Deus. Se foi pra eu morar na cidade, então qualquer um!” É verdade? É assim? A nossa vida é assim. Alguma pergunta, você pergunta aí. Porque às vezes eu esqueço de falar.

Luca: Ah não, sem problema. É... várias coisas muito interessantes que eu tô até pensando. Você falou tanta coisa legal, tanta coisa que eu quero perguntar mais... ok, Luca. Calma. É... Eu vou... Bem... Você... Deu pra perceber que você tem um grande contato com sua aldeia, né?

Maria: Tenho.

Luca: Eu gostaria de fazer duas perguntas. A primeira delas, é se você... De quanto tempo em quanto tempo que você vai lá visitar. E... Né, que você falou que visita né. Eu gostaria de

saber com qual frequência que você visita e também eu gostaria de saber se... você falou que agora tem internet lá. Eu gostaria de saber: você também se comunica via internet atualmente.

Maria: não entendi. Se tem internet pra se comunicar?

Luca: É... Tem internet lá pra você se comunicar com eles via internet?

Maria: Sim, tem... Quando eu tô lá... Então, isso que eu ô falando pra você de que as aldeia agora já virou cidade... Porque tem até internet. A gente não pensava nem que não chegava energia nunca. Porque quando eu sai de lá, que meus sobrinho eram pequenos, era... era só na tochinha... se chamava luz, candeeiro, as tochinha assim... Minha mãe, minha mãe fazia em casa. Ela plantava algodão e fazia a... Era as tochinhas que o pessoal fazia pra vender na feira. Tinha um biquinho. Minha mãe costurava a roupa do... quando a gente era pequeno, nossas roupa minha mãe que fazia. Porque... ela às vezes dizia assim: Não, mas os índios não andava pelado? Ai não. Nessa nossa aldeia, nós nunca andamo pelado. Tendeu? Nós temos as vestimenta. Veste quando... vai se apresentar, né. Dia das Fé, a gente se veste. Aí... aqui é a saia, mas a gente coloca ou shorts por dentro ou outra saia. Aí é... A minha sobrinha faz também os sutiensinhos... de conchinha de coco. Nós tinha o coco fresco... Você conhece o coco inteiro? Coco seco! Então a gente parte ali e ras... rala o coco, e deixa aquelas conchinha. Então tem de todos os tamanhos, do seio. Daí minha sobrinha... minha sobrinha, meu sobrinho, meus cunhados, sabe fazer. Aí ele faz aquelas conchinhas... aquelas conchinhas eles faz... cobre aqui... daí aqui... aqui fica... ele coloca uma tirinha. Só que nós nunca apresentamos pelado uma vez. Tendeu? Daí o que é que é?

As minhas vós, meus avós... Eu nunca conheci minhas avós, elas faleceram cedo. Eu não conheci nenhuma. Minha mãe falava assim... Aí eu perguntava pra ela (eu sou meia curiosa): “Mamãe, porque é que sua mãe morreu... é... tão nova... tão nova?”. “Ai, minha filha, era muito difícil. Não tinha médico...” (agora já tem médico, graças a Deus) “... não tinha médico”. Aí minha mãe fala assim, que a mãe dela morreu com falta de ar. Lá se chamava é... Constipação né... alguma coisa assim. Acho que vocês escreve, estuda também esse negócio aí. O nome da falta de ar lá era chamado de constipação. Aí eu falava: “mamãe, o que é isso? Da onde é que é?”. “Ai, minha filha, é um cansaço que dá nas pessoas. Se a pessoa não se cuidar, ataca o coração”. Oh! Olha como eles... como... eram inteligentes. Porque, eles não iam em médico, não sabiam que atacava o coração, mas eles falavam que quando eles ficavam com muita falta de ar, ataca o coração. E não é isso mesmo? É.

O meu pai olhava assim pro Sol. Não tinha rádio, não tinha televisão, não tinha nada... É... até a idade de quinze ano, a gente não tinha nada... Não tinha rádio de se comunicar em casa, não tinha nada. Meu pai... Meu pai olhava assim pra o Sol. Aí a pessoa falava assim: “Ah que horas são” “São nove...” O nome do meu pai era João. Aí ele, meu pai falava assim: “ó, o Sol tá tal altura, tá tal hora. Se você tiver um relógio ou um rádio, pó ligar que é a hora certa”. E sinceramente, era a hora certa. Era aquela hora certa. Aí tinha até gente que até ria pra gente: “Nossa! Como é que você sabe que é essa hora?” “É... Isso aí é Papai do Céu que ensina pra gente”. Né? Daí tinha esse negócio do galo canta... do galo canta a madrugada. O galo de meia-noite... né... que canta à meia-noite. Aí quando ele queria sair pra cidade, dessa

cidade grande, que é grande, que tinha que sair de meia-noite pra chegar seis horas, aí, quando galo cantava as primeiras cantadas da madrugada... (porque lá a gente cria muita galinha, né, muitos ani... muitos animal... bastante animal... lá tem bastante terreno) Aí ele falava assim: “Vamo simbora”, com minha irmã. A minha irmã, mais velha com eu, que andava com ele muito com os animal, pra vender as coisas na rua... Vendia coco, vendia jaca, vendia manga. Só que nosso lugar é rico, viu? Tinha... tinha bastante fruta. A gente fomos criada com fruta. Sabe? Verdura plantada em casa... tudo. A minha mãe e meu pai eram (inaudível) muito trabalhador, né? Aí: “Vamos simbora!”. Daí meu pai tinha um negocinho. Que levava... que chamava... não sei se você ouviu falar: caçuá. Mas você já viu... em filme, né, em alguma coisa. Ele tinha um animal... que por acaso aqui era um animal. Aí eles colocava de um lado, colocava do outro aquele negócio. É tipo cestinho, mas sempre bem grande. Tá? Ele via o tanto que o animal podia levar. Enchia aquilo de manga... de um lado e outro... Quando a cabeça (inaudível) aqui no meio do (inaudível) do animal, ou ele ou a minha irmã... Ele ia em uma e minha irmã em outro. Aí levava aquelas frutas pra... pra cidade. Aí saia meia-noite, chegava às seis horas da manhã. Os animal andando andando. Só de mato. Agora onde eles passava, que era mato... que a gente passava que era mato, agora é cidade. Tem muita casa nas aldeia, tendeu?

Aí agora eles também mudaram muito as casas. As casa agora são a maior parte é tudo tijolo. Mas antes era tudo de palhinha e madeirinha. Eu tenho foto delas de madeirinha... no meu celular. Depois vô mandar o Alexsandro colocar pra você, tá? Porque ainda tem. O meu irmão mais velho ainda tem casinha assim. A casa dele ainda é assim. Mas é tudo coberta de palha de coco, palha de coqueiro. Meu pai virava aqui as palha verde... Daí nós chamava virar. Nós virara as palhinha todinha... E como era muita palha pra construir uma casa... Mas ali tem um tempo que ela acaba... Ou então o capim... tem um capim chamado... Agora me deu branco. Eu sei que ele é um pé de capim... bem grande que tem na... na... no rio... nas beira do rio. Ai eles tiravam aqueles saquinho, aqueles moinho de capim. Quando acabava ficava no Sol. Quando ele secava, eles ia e cobria as casas, que era tudo feito de vara e de pau. Aí agora não. A maior parte é de tijolo. Provavelmente que saindo até aquela... aquele... projeto, né? de fazer as casas... nas aldeia... Muito já ganharam e muitos ainda não ganharam. O meu irmão mais novo e meu irmão mais velho ele... mora tudo em casinha e palha ainda ou em casinha de... feita de madeira. E lá é da roça mesmo. Quem tem condições, já faz mais... uma... de tijolo, né. E quem não tem condição, faz de palha mesmo. Palha de... telha...

E é assim.

Luca: Uma... pergunta, né. Você falou dessas... dessas mudanças que ocorreram com o tempo. Que vários agora tem casa de tijolo e tudo mais. É... mas... As pessoas ainda sabem fazer a casa com telhado de palha, né, as casas de madeira? E eles ainda sabem?

Maria: Sim. Sim. Sim. Muitos faz ainda, tá? Provavelmente até as mulher ainda faz. Tem umas mulher lá que é muito trabalhadeira. Ela ia lá no rio... eu falo no nosso rio, né, por causa que... cada povoado... tem o rio, né? As entradas do rio da gente, né? Aí lá meu pai pegava esse capim, né. Ia muito capim. Aí elas... ia... essa... essa... Tinha uma mulher lá

que... hoje... Acho que só tem duas irmã. Era... era quatro irmã, morreram duas. Aí tem duas irmã. Ela... O pai dela era um índio que não saía de casa. E só vivia nos mato. Tendeu? Só era... Casa dele só era limpinho naquele lugar que ele fazia. Aí as menina, que era irmã... (só tinha mulher, trabalhadeira, tudo, né). Ai ia lá... e falava assim: “Oh João” pro meu pai. “A gente vai tirar aqui um capim aqui pra cobrir nossa casa”. Aí meu pai: “Pode pegar! Pode pegar!”. Elas (inaudível) e faziam... Elas que faziam as casas. Eram mulheres muito trabalhadeiras.

Ai hoje ela ainda é viva lá, mas a filha dela também... já trabalha num daqueles postinhos, né, de estudar... trabalha naqueles postinho. Mas eu conheço tudo as meninas lá... lá perto. E meu pai fazia cada casinha bonitinha de palhinha tudo... parecendo uma casinha de boneca, sabe? Só não podia ver fogo, né? Porque era perigoso, né? Tinha muita gente lá... tinha algumas pessoas lá que... a mãe e o pai foram trabalhar e eles eram de (inaudível). Aí... criança já viu né. Tem uns que é mais levado, tem outros que é mais calmo. Quando chegava em noite chegava a notícia: “Olha. Sua casa pegou fogo”. E eles ficavam sem nada. O nome disso é (inaudível). O meu cunhado... a irmã do meu cunhado, o pai dele ficou acho que duas vezes sem casa porque pegava fogo. Aí pensava que não? Ele faziam novamente, né? E é assim. Agora mudou muito.

Agora, a gente andava no jeguinho. Você sabe o jeguinho, né? Você sabe? (risos) Nós tínhamos aqueles animalzinho, viu. Outra coisa, quando o meu pai falava assim: que quando eles falava... A gente falava assim... Lá falava: eles linchavam, eles enguicha. Aí mas aí eles gritam: Aaaa! Aaaa! Aaaa! Aí meu pai falava: “pode olhar que é tal hora!”. Meu pai falava que ele dava a hora... o horário também. É... Era... Aí nós tinha muito aqueles animalzinho. Hoje não querem mais aqueles animalzinho. Por quê? Porque... querem moto, tendeu? Querem moto... querem carro. Não querem ter o trabalho que tinha antes, que a gente tinha. Cuidar, criar os animalzinhos (carneiro, cabra, gado... era muita criação lá... que tem terreno)... não querem mais criar. Ah não, pescar... Tem um lugar lá chamado... uma aldeia lá chamada Cumarú. É o lugar do camarão. Pessoal lá... os meus tios, as minhas tias, eles logo cedinho saía... com... uns negócio de pescar camarão com esses mesmo material. Viu? Eles fazia, só que o... era compridinho. Se chamava covó. Esses pegava um monte... Levava uns 20, 15... Num galãozinho assim pra botar no rio... pra pegar o camarão. eles colocavam a isca... era um matinho que tem lá que tem umas folha grande. eles pegavam aquelas folhas... colocavam um pouco de coco – coco mesmo, coco fresco (que lá tem muito pé de coco. É...) – dentro daquelas folhinha, amarrava. Muitas vezes eu ajudei a minha tia e o esposo da minha tia dessa... dessa outra aldeia. Não era da minha, era em outra. Mas daí... é... Era... As minha tia também morava lá... E colocava ali dentro... sabe? Aqui tem uma passagem de entrada, mas quando era pro camarão sair, ele não saía: ficava tudo lá, cheio. Aí quando eles... colocava hoje, amanhã eles ia buscar e tava tudo estralando camarão. Aí então os pessoal foi indo, foi indo embora. Morreu, morreu. Os mais novo não faz mais. Por quê? Porque agora eles também têm outra mídia também. Não é que nem era antes. Uns têm medo até de entrar no rio, né. Mas uns... uns mais velho ainda pesca, tá.

E o camarão lá é assim: na época das chuvas do mês de Junho, é muita chuva lá, então os camarão cria... eles são da natureza, elas se cria lá no rio. Quando dá uma enchente, os

camarão cresce. O que que agora tem? Viveiro. O viveiro, o camarão de viveiro não é gostoso que nem o da água doce, né? Porque a água doce, da água doce do rio, são criados pela natureza. E o camarão do viveiro, eles são as estinha que leva. Provavelmente essas estinha são tudo pequenininho, uns bichinho, uns negócio pequenininho. Ele faz aqueles divisão lá... ali... na beira da... do rio... E vai tratando e vai tratando, joga (inaudível) e vai jogando a comidinha e o camarão vai crescendo. Quando é três... de três em três meses tem camarão grande. Mas é um negócio que assim. Rapidinho. Agora, o gostoso mesmo é desse lugar, Cumaru. Mas o pessoal não querem mais pegar. Tendeu? Muitas não sabe nem fazer! Eles tiraram a... o... os negócios chamado cipó, que é... negócio de fazer... de amarrar, fazer o covo e agora não querem mais fazer... A... mas ainda bem que agora estuda, né... tem estudo. Aí vão saindo. Eles... que que vão fazendo? Vão saindo e indo pra cidade. Aí daqui a pouco os índio tá todo pra cidade. Muito ainda volta, mas muito não quer voltar mais. Mais é assim, a nossa vida foi assim. Mas tô feliz, graças a Deus. É...

Luca: É... Graças a Deus. Ah... Bem... Você foi falando que tem muita gente que... é... Ah! Vou fazer uma outra pergunta antes... é... Qual que é a relação... Desculpa... Não... Vou fazer a pergunta que eu ia fazer antes. Desculpa... É... Estou todo confuso... Eu ai...

Maria: Fica tranquilo! Você é a pessoa que vai ficar confusa? Você que tá... de tanto me ouvir falar (risos)

Luca: É... Bem... Eu vou perguntar, né, que você falou que tem muita gente que tá... que tá indo pra cidade, mas nem todos tão voltando. E eu tenho uma pergunta: a população da aldeia, né, quanta gente tem na aldeia, tá diminuindo?

Maria: Ah... Assim, né... É porque, né... Muitos... casaram com... com as pessoas que não é índio... vão embora pra cidade. Mas também tem muitos que tão lá (inaudível) as índias também, né? (risos) Aí continua lá. Aí não sei nem te falar... Fica bem dividido. Muito na cidade e muito na aldeia ainda, né? Porque, eu mesma, quando venho de lá pra cá é... quando eu volto j'já tem uma outra índia que teve outro filho. Pode ser da minha família mesmo, pode ser de outra, mas já tem outro menino... e assim vai crescendo, né? E aqueles que tão... é... como é que fala? Já... aprendeu mais lê, já sabe... estuda, entende a cidade como é que é. "Ai não, vou pra São Paulo, vou pro Rio de Janeiro. Vou ver se é melhor". Só que é assim, quando eles chega aqui eles acham muita diferença de lá. Aí muitos fica e muitos não: "Vou me embora, vou voltar pra minha terra". É, portanto, que quando eu vou pra lá, eu tenho muito sobrinho, sobrinha... que não tão trabalhando... não têm... não tão trabalhando... pra ganhar dinheiro, só que é assim: trabalhar na roça... (inaudível) que trabalharem, dá pra se manter, né, porque dá... a plantação lá dá de tudo. Mas só que muitos não querem, né. Você entende, né, o que eu tô falando. "Não, vou pra cidade porque vai ser melhor". Só que minha mãe falava isso: "Olhe. Cidade é boa..." Ah! Mas minha mãe falava assim mas ela nunca teve em cidade grande... quando era nova (risos). Mas ela falava: "Olha, cidade é bom, mas que nem... que nem a nossa aldeia... não tem... Porque aqui nós temos liberdade e lá fora não tem". Aí o que aconteceu? Começaram muito vim pra cidade. Aí hoje o que que acontece? Esse negócio lá que você sabe, né? Tá entendendo, né? Esse negócio de droga, né. Muito... vai daqui, aprende as coisas aqui na cidade, chega lá e pronto... já enche os outros.

Tendeu? Aí olha... é só Deus fazer assim, ó. Não tem um lugar que não tenha isso. A gente não tem mais aquele... é... aquela assim: “Ó! Vou andar duas horas... Vou andar... Aliás, meia hora sozinho de a pé”. Por quê? Pode se encontrar com alguma coisa que esteja locão lá pelos caminho né? e... se for jovem... às vezes podem... eles... elas... Se for jovem, eles pensam de... fazer coisa que não deve... Agora deu branco. Se for as pessoas de idade, querem que as pessoas dê o dinheiro. Pensa que tem dinheiro pois paga aposento né? Porque a maior das pessoa é aposentado... 75 por 55 anos lá, né? Porque o cara trabalhou na roça... Né. Ainda bem que tá... que tem essa... Mas na época que a gente era pequena, a minha mãe e meu pai não eram aposentados. Quando minha mãe se aposentou, eu já era casada. Quando meu pai aposentou, eu... eu já não era casada não, mas eu já tinha uns 26 anos de idade... não... eu já... já era... já era casada também.

(Alex faz uma pergunta à Maria)

Papai? Papai... meu pai aposentou... eu não sei... porque meu pai aposentou ele... ele tinha... se chamava... era um benefício, porque ele era doente, né? Depois perdeu as vistas, aí não via mais nada. Pra operar, nunca operou, porque dizia que tinha que ope... que tinha de cegar de uma vez, porque era... ah... não sei nem o nome da doença. Só sei que... eu não sei... Aí meu pai faleceu e não foi operado. Era... Era difícil naquele tempo. Aí ele também ele... ele trabalhava... ele deixava... trabalhava muito na roça... aí as cobras mordida ele... não tinha medicamento... os medicamento dele era fumo. Você sabe, né? É um fumo chamado fumo de rolo. Só que aquele fumo meu pai plantava (inaudível) lá nos terrenos. Tendeu? Daí dava umas folha grande. Aí numa época ele secava aquelas folhas. Aí fazia um negócio que ele enrolava... Se chamava... fumo de rolo. Daí cortava os pedaços... vendia... Daí quem não tinha, comprava... e... o remédio era aquilo. Às vezes o meu pai tava trabalhando lá no terreiro... lá nós chamava terreiro, né... em casa... que tudo é mato, mato... mas... minha mãe gosta de ver sempre limpo, né, o nosso, o nosso quintal grande... se chama quintal mas a gente chama terreiro lá. Aí ela.. ele falava assim... O nome da minha mãe é Mestrinha. Aí ele falava assim: “Oi Mestinha! Vem aqui! Traz aí o fogo, um fósforo, pra eu acender aqui meu cachimbo, porque uma cobrinha me mordeu”. Assim. Aí a gente já... apavorado: “Papai a cobra lhe mordeu! Papai, e agora? O senhor vai morrer?” “Não fia, eu não vou morrer não!” Sabe? Ele tinha aquela fé, que sabia que não ia morrer. Hoje não, hoje se uma cobra picar qualquer pessoa lá já vai pro hospital, já leva lá e faz tratamento... E antes, só Deus mesmo que cura. Aí ele pegava aquele fumo. E eu não sei como... colocava, sabe? Pegava aquele mel lá, de lá mesmo da saliva ele botava em cima e falava assim: “mas eu vou lhe matar, porque você me mordeu”. Daí matava as bichinha, né? as cobrinha, que era perigosa. Pequeninha é perigosa. Aí eu não sei... juntou uma coisa com outra, ele foi mordido umas três vezes. Direto não, sabe? Assim, de tempo a tempo. Depois... começou a perder a vista. Mas aí o meu pai não tinha diabetes... Meu pai não tinha... como é que é? Pressão alta... Ninguém tinha pressão alta. Ninguém tinha nada. Daí depois de um certo tempo pra cá, aí meu pai já teve dia... já teve é... pressão alta... deu derrame nele... faleceu de derrame. Minha mãe... ela... ela tinha Mal de Parkinson, ela tremia. Mas também tomava um remédio é... controlado. Mas antes a gente não sabia nem como... Como é que a pessoa vivia assim meu Deus? Tomava remédio... era tudo caseiro mesmo. E eles faz, mas agora

tem os remédios, já ajuda muito. E é assim. É... o que eu posso te falar é isso. Muito fica lá... não tem vontade de vir na cidade não, mas muitos tem vontade de vir na cidade pra ver. Aí, quando chega aqui, vê como é... como que é peleja, porque é grande, aí “Vou-me embora”. Vai-se embora, né? (risos) E é... tamo aqui né? Eu tenho hora mesmo que quando vem esses frios (inaudível): “Aí que meu Deus! Como eu queria tá no meu quentinho, na Paraíba!” Que lá é Sol (risos) Mas Deus sabe o que (inaudível)... nós todos, né? Mas criei meus filho aqui e tô feliz.

Licença aí.

Luca: A vontade! Pode tomar água! (risos)

Maria: Pois é assim, Lucas...

Luca: Eu tenho agora uma pergunta sobre uma outra coisa que você tinha falado, mas já faz um tempo que você tinha falado. É sobre as pessoas que... que fazem turismo. Você falou que tem gente que... que vai lá visitar... que tem gente de fora que vai lá visitar pra fazer turismo. Acho que era esse o termo que você tinha utilizado. E... é... como é que as pessoas da aldeia... acham disso. Que que elas acham disso? Elas gostam?

Maria: Mhmmm É, realmente. Depois que eles fizeram estrada lá, né? Não tinha estrada antes pra andar com carro, né? Como eu te falei, quando eu cheguei aqui, ainda não tinha nem estrada pra passar os carros... É... Mas depois que fizeram a estrada, eles colocaram é... (inaudível), por acaso... ir daqui, de São Paulo, dessas cidade maior pra lá... daí começaram a fazer estrada pra sair na BR-101, né, que é a pista que pega pra chegar em todas as localidades. Daí fizeram as estradas, passaram as máquinas. Aí pegaram muitos pé de árvore abaixo... pés de fruta... e fizeram aquela estrada grande... Aí fizeram aquela estrada que vem pra... a cidade... nossa cidade próxima que chama Baía de Traição, né... A Baía da Traição. A Baía da Traição é uma história, só que a história da Baía da Traição... é... naquele... naquele tempo... naquela época... que a gente era criança... o meu pai e a minha mãe falava, mas a gente ficava assim, porque a gente não sabia ler, não sabia... anotar, escrever, pra saber como é que era, pra falar. Só quem... estuda lá... provavelmente minhas sobrinhas... eles já estuda... tem livro... antigo... tem é... como é que fala... agora aqui... tem.. vídeo antigo... que fala.. que explica como era a Baía da Traição... que explica como é que era as aldeias e os índios antes... que não tinha a... chance que tem agora. Os índios antes... parece que não... eles não... não sei nem o que falar... não entendia que tinha... a obrigação de ter alguma coisa pra se manter... Agora não, né? Já tem... ó, pra estudar tem faculdade. É... é meio cansativo, porque trabalhar... tem uns que trabalham na roça... e pra andar também é pra cidade, mas... de... por outra... por outro... por outro... tá mais fácil, porque tem ônibus pra levar, pra trazer, pra cidade, só que a cidade... tem que vim pra aldeia? Tem, mas aí tem que vir ou em outro carro ou então em moto. É? E antes que, que nem o próprio mesmo, meu sobrinho, pra estudar, ele tinha que sair de casa quatro horas da tarde pra chegar na Baía da Traição, essa próxima cidade que era... onde tinha as escola, né? Ele ia de bicicleta. Aí saía de lá onze horas da noite de bicicleta, no escuro. Não sei como, meu filho. Meu... meu sobrinho, meu sobrinho aprendeu assim. Mas só que tinha coragem de ir. A

noite, né? E hoje ele se encontra no Rio de Janeiro, esse meu sobrinho. E outros e outros que ia, não aguentaram, né. Mas esses meu sobrinho fez até os tantos que deu pra ele estudar. Mas o porquê? Nós tinha parente, nós... é... tinha família, tia... mas os pais da gente não tinha condição de colocar a gente na cidade pra estudar. Tendeu? Daí o que que (inaudível). Deixa eu contar o que... você perguntou. O que que é? Antes, era assim: não tinha estrada. Quando a gente escuta um barulho de um carro (só andava lá aquele jipe, jipe antigo, tendeu? Que ele passava pelos Barros, na chuva). Daí a gente falava: “lá vem um carro” e a gente se escondia. Todo mundo se escondia... dentro dos matos... (risos) Pensando que eles iam pegar a gente (risos). Aí minha mãe falava assim: “Aí vocês ficam aí. Só sai... se eu mandar.” Aí a gente ficava lá pelos terreiros, pelos matinho, lá pelo pé de banana... pé de fruta, né? Nós ficava escondido por ali. Aí nossa mãe chamava a gente: “Vem aqui!”. Aí era quem? O pessoal que ia pra dar vacina na gente, vacina. Aí começou, né? depois que fizeram estrada... aí eles começaram a levar vacina. Aí tinha uns pessoal que chama... chama é... higiene, né? mas o nome dele lá era... você... você deve entender, Malária. Pronto. Esse pessoal ia também. Aí eles dormia muito e ia até de cavalo, quando começou, antes da estrada... pra dar vacina na gente. Aí, meu pai ia até... acolhia parte tanto de... de um monte de homem lá na casa que ele fazia de casa de farinha, né? Daí (inaudível) que era por causa dos bichos, dos mosquitos, das picada dos bicho. Aí depois que fizeram as estrada: pronto. Aí eles deixaram os animal e agora tão indo... agora tem... a FUNAI, a SESAI... tem médico, né? E o que é que os índios, é... Tá mais fácil, né? Eu não sei porque, não é naquela época... que que eu era pequena, eles não iam assim tão (inaudível), porque não tinha estrada, né? Não tinha como... e eles tinha medo de ir a pé, porque era longe... E por causa dos matos, esses... eles pensava assim: deve ter bicho feroz por aí, né? Quem é que quer ir? Quer conhecer? Mas agora não. Agora tem carro. Agora é bicicleta. Agora tem um monte de gente de bicicleta... se chama ciclista. Um monte... vai aquele... vai moto.. Aí vezes passa... quarenta, cinquenta, cem moto... Eles vão fazer... caminhada, né? chama... caminhada né? Aí vão no lugar... Aí sempre no povoadinho das aldeia tem.. tem um ponto deles ganhar o dinheirinho deles. Daí as índias faz comida, né? Daí por acaso você vai pra praia daí (inaudível). Aí lá uma pessoa leva você, vai te explicando. “Então vamo que a gente vai levar você lá”. Já vai nas aldeia. Uns gosta, posta novamente. Aí uns vai hoje e amanhã ele não precisa mais ninguém levar porque ele já aprendeu o caminho e sabe que as pessoas recebeu ele bem, né? Foi bem recebido... É... lá na... na... nossa aldeia mesmo, na Aldeia Tracoeira, tem um rio chamado rio do Poço. Só que é o mesmo rio que é o... é um rio só... que desce pra o...mar... Porque na Baía de Traição é praia. Na Baía de Traição pras aldeia, tem uma que fica mais longe, tem umas que fica mais perto. A nossa aldeia: de a pé, duas horas... E de carro é 20 minuto, as estradas tão boa. E de moto, 15, às vezes até mesmo... quem gosta de correr muito. Mas agora o caminho tá meio devagar por causa que choveu... Aí depois eles arrumam. Aí todo mundo vai e todo mundo gosta. Eles são bem recebidos, compram fruta. Se tem fruta pra vender eles compram... às vezes a gente dá também pro pessoal lá. Porque na época da fruto é bom, né? Porque tem muita jaca... A laranja tinha muito, mas também tinha mais... tá mais escassa... Tinha manga, tinha muita manga, mas também deu há uns... 10 ano atrás deu um negócio nos pés de manga, que morria o olhinho dela, antes que saiba tá pá, caída, o pé de manga. Mas ainda bem que agora, graças a Deus, eles... eu não sei porque, eles tá replan... é... como

é que fala? Nascendo outro, nascendo, vai nascendo, e tem sempre manga... é gostoso lá. Gosto muito.

Tem gente que vai lá e volta e fala assim: “nossa, as aldeias de vocês são rica”. Porque tem muita que não tem nem... nem água para tomar banho. Mas lá... onde a gente mora é muito bom... E outras também que a gente conhece lá e tá próximo. Tendeu? Vai pessoal.. de todo canto... Época assim do mês... de Dezembro, né... Dezembro, Janeiro, Fevereiro depois do Carnaval, daí vem a quaresma e aí dá bastante gente... aí depois vem a chuva, né? O pessoal vão também trabalhar, vão (inaudível). É legal lá, Lucas, é muito legal. Eu gosto de lá. Tá... Também nasci lá e me criei lá e eu gosto de lá. Então é assim, Lucas.

(Nesse momento, houve um problema no áudio do entrevistador, Luca, e, por conta disso, não foi possível escutar sua pergunta. O conteúdo dela dizia respeito a uma passagem de um texto de Alex em que esse registrava algumas experiências da infância de sua mãe, a entrevistada Maria. Entre essas, havia a memória de Maria se escondendo, junto a outros indígenas, quando chegavam os “Malária” na aldeia. A pergunta do entrevistador era justamente qual o motivo disso)

Maria: Eu sim. Porque... Porque naquela época, a gente não conhecia... fazia assim: FUNAI, SESAI, né? Que antes só era FUNAI, era mesmo CESAI, né? Aí depois veio essa parte, né, FUNAI... FUNAI e SESAI, né? Então... Mas isso aí... (inaudível) Era... Já era isso aí mesmo, já era... é... como é que fala? Já... descobrir, né? Que foram... é... que foram sempre (inaudível) pros índios...

Alex: É que Lucas. É que acontece o seguinte: eles não tinham... muitas comunidades indígenas lá, eles não tinham esse conhecimento de que existia um órgão que cuidava da saúde indígena ou, até mesmo, que os indígenas eram tutelados. Então, muitas comunidades... as pessoas não sabem até hoje... em muitas comunidades, as pessoas não sabem até hoje, que... existe o Governo Federal, que existe essas instâncias estaduais e que existe também o órgão que cuida da questão indígena. Então, provavelmente, quando esses “malárias” foram lá, eles não sabiam... que... essas pessoas eram representantes, querendo ou não, do Estado e, principalmente, pessoas que trabalhavam pra FUNAI justamente pra levar vacina, pra... coletar exames e pra ver como que tá a saúde da população indígena. Então, como tava sendo um surto de malária alí na região, o que acontece? Eles iam pra aplicar vacinas e também orientações contra esses... esses surtos e essas doenças, e aí o pessoal começou a apelidar eles de malárias. E aí eles falavam assim: “lá vem os malárias!” Tanto que tinha gente que corria com medo de tomar injeção ou de tirar sangue e... eles ficavam conhecidos como os “malárias”. Até então, é... ninguém conhecia essas outras instâncias... Entendeu?

(por conta daquele mesmo problema de áudio, não ficou registrada a resposta do entrevistador)

Maria: Tá vendo? Sabe ler, aí sabe mais que eu! (risos) Mas era assim... Já era essa parte, né? E a gente não tinha conhecimento. Agora não. Agora... já vem a... por acaso já vê um carro lá... Já sabe que aquele carro é da FUNAI... é da SESAI. Todo mundo já conhece, né?

Ninguém mais vai correr porque já sabe, né, já conhece. E antes a gente já tinha... tinha medo né? E provavelmente foi a minha mãe que falava. Que antes (inaudível) Eu era criança e gostava de perguntar as coisas. Muitas coisas ela.. ela passou pra mim quando eu ainda era pequena. E eu não esqueço nunca. E eu ainda levo... Ela falava assim: “Olha... Olha, meus filhos. Eu vou trabalhar... quando vir alguém aí chamar, você não fala nada. Fica só caladinho dentro de casa... pra eles não carregar vocês. Porque diz que tem um pessoal aí que fica carregando os índios... a gente num vê nunca mais”. Aí a gente ficava aquele, né? A gente já tinha medo, porque não conhecia as pessoas... e ficava... sem querer se apresentar, né? Mas eu sei que os tempos foram passando e as crianças hoje não tem medo de nada. Quando vê um carro, corre pra cima! (risos) (inaudível) É, menino. As coisas mudou muito, né? O Alex anda o mesmo, já morava na cidade comigo... Já contei isso aí pra você (risos) O Alex anda o mesmo. Já morava na cidade... Já nasci... já tive ele na cidade. Aí chegou uma pessoa do Rio de Janeiro e ele já se escondeu (risos). Por quê? Porque a... minha mãe já passava com a gente e eu já passava pra eles assim. Só que eles foram morar na cidade e pronto... Tá tudo civilizado agora... foi graças a Deus, né? A gente... mudou muito... mudou muito. (inaudível) que passaram mudou muito. Tá evoluindo mais e mais e mais. E... É bom, porque a pessoa vai tendo... mais conhecimento, né? O Alexandro chegou... ele... ele sempre gosta de viajar, né? Agora ele tá dando uma paradinha agora em São Paulo. Daí quando ele foi viajar... quando ele chegou aqui, ele disse assim: “Mãe, eu trouxe um negócio aqui pra senhora.” E eu falei... cadê o meu (inaudível)... E eu falei... Tá aqui ó (inaudível)... “Mãe, eu trouxe um negócio aqui pra senhora.” Daí eu: “O quê?” Daí ele foi e me entregou um livro, né? Que ele viajou... acho que aqui embaixo (*informa para Alex, que lhe ajudava a encontrar algo que buscava*)... Aí ele... Aí... Aí ele trouxe um livro. E eu: “Ai, nossa!” Eu fiquei assim, procuran... eu fiquei assim “Meu Deus, Alex trouxe um livro pra mim!” Aí foi só... “Aqui é a senhora”, daí ele “passa o livro”, daí eu passei o livro, daí ele passou o livro e tem uma minha foto e da minha mãe. Daí as histórias que minha mãe tinha... Ele ouviu a minha mãe... Começou assim... Mas eu nem sabia... Aí foi uma surpresa pra mim, né? Então quando eu olho esse livro... Eu não tô (inaudível) esse livro. Eu (inaudível) que essa semana passada eu tava com esse livro e daí eu fui e mostrei pra meu outro sobrinho... pra meu neto, né... de oito anos. Daí ele falou assim: “Vó! Você só tem um? Não tem como você me dar um?” Aí eu falei: “Só tenho um, mas é assim, você pode ler...” Porque ele tem oito aninhos, mas já sabe ler, viu? Graças a Deus. É o filho do meu filho, do meu caçula. Aí eu falei ó... mandei a... “Lucas, tú queres ler daí lê lá”. Aí ele falou assim: “É a minha bisavó, vovó DeLui?” “É. Tem algumas histórias que a sua bisavô falou pro seu tio e seu tio colocou aqui nesse livro” Né? Então fico feliz, porque... Eu nunca imaginava o meu nome... Eu... tá assim numa revista, num livro, né? Com uma história, sempre uma história. E é porque... depois que... a gente viemo aqui pra São Paulo, que... eu levava eles pra lá, mas depois eles... ficava estudando, depois trabalhando. Não tinha muita chance de um pra lá, né, mas... ele fazia muito pergunta pra mamãe, e ela respondia pra ele. Aí depois... infelizmente, minha mãe partiu... Porque tudo chega ao dia, né? Mas minha mãe já partiu... tem agora... vai fazer 5 ano, né, agora esse mês, dia 22. Mas minha mãe... tenho ela no meu coração. Tenho ela... pra mim tá viva.

E é assim... É, Lucas... Muita coisa. Mas estamos aqui... Mas quando eu vou pra lá... Realmente... Eu me sinto... parece que eu tô... Nasci naquele dia que eu chego lá... quase que eu tô sonhando. Porque eu estou na minha... na minha terra, né? e estou... é... tendo... é... Assim, só nas paisagens... ninguém tem esse negócio assim de poluição... A natureza, né? rios, matas, tudo. Mas... quando pensa que não, infelizmente tem que voltar, né? Porque meu esposo (inaudível) ir trabalhando, meus filhos também... Mas os filho é tudo de maior... é assim, do jeito que que deixei minha mãe, eles também pode me deixar pra ir pra qualquer lugar... e eu ficava assim muito preocupada, né, porque quando eles viajava... Mas depois eu fiquei pensando bem e falei: “É... Eu deixei minha mãe lá, e graças a Deus... (inaudível) pra o bem deles e pra mim, né? Aí eu fico feliz, né? Sou feliz, graças a Deus, né, Lucas. Sou feliz, muito feliz.

Aí às vezes é... a gente passa... é pelo... por um momento em que a gente fica meio preocupado... mas aí eu saí da minha... Aí eu peço pro Deus pra “me dê força”, pra mim seguir, conseguir, né? Daí saí da minha porta pra fora... já dou bom dia, boa tarde... boa noite... graças a... eu sou dessas. Do mesmo jeito que eu sou lá, quando chego na minha aldeia. Tendeu? Eu sou a mesma. E assim eu quero ser até... o dia em que Deus me levar, tá bom?

Então, você tem algumas perguntas? Se tiver algumas perguntas... Se esqueceu, deixa pra outro dia, né... Daí tamo pronto pra conversar novamente. Tá bom?